

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

Henrique Almeida de Queiroz¹

Resumo

Este trabalho concentra-se na análise da relação entre o indivíduo e a sociedade no mundo moderno para ampliar a interpretação das obras de Franz Kafka da perspectiva burocrática para a moderna. Para tanto, utilizamos Simmel para percebermos as consequências do mundo moderno no embotamento das emoções da esfera subjetiva e a responsabilidade individual contra este movimento. Continuamos nossa pesquisa numa possível interpretação crítica sobre romances de Kafka, procurando semelhanças de análises entre o sociólogo selecionado e este romancista. Por último, mostramos que Kafka possui, em seus escritos, consciência das transformações de seu mundo e suas correlações e consequências para o indivíduo. Ela está presente no conjunto de suas obras o que, significativamente, trouxe ganho às interpretações tanto do romancista quanto do sociólogo, pois o primeiro propiciou uma interpretação “concreta” das teorias elaboradas por Simmel.

Palavras-chave: Indivíduo. Sociedade. Kafka. Simmel.

INTRODUÇÃO

Quando algum cientista social decide se debruçar sobre a modernidade, de alguma forma ele enfrenta um problema no qual existem muitas perspectivas e teorias: a relação entre a sociedade com o indivíduo e entre o indivíduo e a sociedade. Neste ponto vemos que esta primeira relação é extremamente problemática devido à pressão exercida pela sociedade no sentido da objetivação de nossas qualidades subjetivas. No outro extremo da relação, vemos que ao indivíduo é imputada uma necessidade de virtude contra este movimento de objetivação da vida. Nesse sentido, ele é conclamado a lutar contra toda esta sociedade de forças de objetivação e obliterações da esfera de produção subjetiva. Pela análise weberiana, isto foi dado pelo movimento histórico de conformação de nossa realidade, decorrente do desenvolvimento da laicização do ocidente e a chamada “revolução das consciências” para Weber e de análise semelhante em Simmel.

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

Simmel se interessa pelos fenômenos fragmentários e fugidios (os conteúdos das formas sociais) e possui o talento de perceber o eterno, invariável e essencial dos fenômenos, aparentemente mais superficiais, da vida cotidiana. Ele é, portanto, um grande facilitador de uma construção teórica que busca unir as crescentes especificidades vistas na decorrência do desenvolvimento da modernidade, se debruçando muitas vezes em cima deste problema destacado. Ainda que se considere que ele seja um autor mais “esperançoso”, seu diagnóstico não é tão diferente dos trágicos, mas nele ainda existem saídas.

Aliado à construção teórica que propomos, utilizaremos os romances de Franz Kafka (1883-1924) para mostrar como existe uma estrutura social que aflige e sufoca o homem moderno. Mesmo sendo obras literárias, tentaremos mostrar como elas conseguem possuir afinidades eletivas entre os autores que selecionamos. Em nossas análises, buscaremos dar maior ênfase à sua crítica extremada do mundo moderno para demonstrar o quanto importante é esse autor para esta construção teórica, que serve como o início da denúncia das patologias

modernas e um alerta para a não resignação.

Nossa pesquisa será essencialmente teórica e não terá nenhuma aproximação com trabalhos de pesquisa de campo. A abordagem proposta é a interpretação de Simmel sobre a modernidade e cotejando com os romances e outros tipos de escritos de Kafka segundo o problema em questão. Construiremos, então, uma interpretação embasada ante a lógica moderna e suas consequências, trazendo à tona quais são os elementos que possuem semelhança entre as obras kafkianas e a interpretação da sociologia de Simmel.

Como veremos, nossa análise sobre Simmel busca descrever como ocorreu a objetivação da cultura subjetiva dentro das esferas da vida já em sua especialização. Ele é importante porque enfatiza, na sua análise das consequências da economia monetária na consciência individual, o nível de consumo e da circulação de mercadorias e a sua lógica brilhante quanto a outros fatos cotidianos da vida que se transformam dentro desta nova composição da economia monetária.

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA:
INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

1. SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO E A INDIVIDUALIDADE NA MODERNIDADE EM GEORG SIMMEL.

Quando discutimos especificamente a sociologia de Simmel em *The Sociology of Georg Simmel* (1964), vemos que, o autor é um dos representantes clássicos que tentou firmar a sociologia como uma ciência. Podemos perceber que, para ele, há a necessidade de divisão classificatória nos campos de atuação dentro desta ciência. Sua conclamação baseia-se na busca do conceito de sociedade que consiga unir problemas tão heterogêneos, como os apresentados na realidade. Esta nova área de pesquisa tem a função de unir a departamentalização advinda das outras ciências como a psicologia e a história, pois se tornou evidente, para ele, que é o caráter da sociação e da sociedade que consegue sintetizar os interesses humanos em sua completude e uni-los em um único sistema.

É neste livro que o autor se posicionou contra os críticos da sociologia em sua época. Ao não acompanhar a crença de que apenas os indivíduos são reais, ele quer dizer que

os indivíduos são formados e formam seu meio, e então a realidade não se constitui apenas propriamente pelas suas unidades últimas. Isto porque “o indivíduo aparece como uma composição de qualidades singulares, e destinos, forças derivações históricas, os quais em comparação com o próprio indivíduo têm o mesmo caráter de realidades elementares² [...]” (SIMMEL, 1964, p. 07, tradução nossa).

Simmel defende o campo de estudo da sociologia em três tipos distintos, que possuem problemáticas próprias. Ele defende esta divisão porque ainda que esta ciência possa cobrir quase todos os aspectos da vida humana, ela tem a capacidade de clarificar de modo mais concreto as diferenças entre as esferas de ação da vida, que estão intimamente entrelaçadas na realidade.

A sociologia geral, a primeira de sua divisão, tem sua relação com a totalidade da vida representada na história. Isso porque ela constitui a maneira como a sociedade a influencia e, por sua vez, como a história influencia a sociedade. A cognição em si não consegue captar todos estes fatos imediatamente e a construção dos conceitos e categorias possibilita interpretar as condições mais gerais da

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

vida social e suas variantes dentro da história, pois fatos com estas características podem ser entendidos não como uma realização individual, mas como produtos e desenvolvimentos da sociedade:

Se nós estudamos todos os dados da vida em termos de seus desenvolvimentos por e pelos meios dos grupos sociais, nós devemos assumir que eles têm elementos comuns em sua materialização (mesmo no entanto elementos diferentes, sob diferentes circunstâncias). Esses elementos comuns emergem se, e apenas se, a vida social em si emerge como a origem ou o motivo desses dados.³ (1964, p. 19, tradução nossa)

A sua segunda vertente, a da sociologia formal ou sociologia pura, se concentra no que Simmel denomina de estudos sobre as formas societais. Isto equivale ao interesse de pesquisa no que se pode denominar uma microssociologia a-histórica (VANDERBERGHE, 2005). Ela ainda está contida nas formas sociais, mas apresenta como diferença a concentração nas formas mais diferentes de interação entre os indivíduos. Ela abstrai a heterogeneidade das formas que constituem as interações, sejam elas advindas das relações interacionistas entre pessoas ou das organizações, sendo que estas últimas significam, para

ele, interações de interações. Ao invés de Weber, que propõe a compreensão das instituições e organizações como tendo um significado único, Simmel considera que a sociedade moderna se compõe na compreensão das formas de interação e não através da interpretação weberiana do individualismo metodológico. O autor busca definir como são dados os diferentes tipos de interação através do entendimento de seus conteúdos e formas e, assim, compreender como elas variam dadas suas especificidades e similaridades.

Seu terceiro tipo de estudo sociológico é denominado como sociologia filosófica, que se constitui em questões que ultrapassam a área das ciências sociais, ao se preocupar com a epistemologia e a metafísica da sociedade. A primeira questão se preocupa com as condições, conceitos fundamentais da pesquisa da sociedade que a baseia. A segunda busca as conclusões, conexões, questões e conceitos que não têm lugar na experiência e no conhecimento objetivo imediato.

Estas duas questões filosóficas circundam as pesquisas sociológicas com o intuito de colocar a sociologia como um sistema fechado, diante das características fragmentárias dos fatos

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

empíricos. Isso dá a quem pratica este tipo de estudo a capacidade de delinear o desenvolvimento histórico da intelectualidade e suas significâncias para a compreensão da sociedade. Questões como a sociedade é o propósito da existência humana ou um meio para o indivíduo?, como ele mesmo exemplifica, devem ser buscadas neste tipo de pesquisa específica.

A sua definição de sociedade é dada pela característica de interações permanentes. Conceitos como família, Estado, Igreja, classes sociais podem representar este termo por possuírem interesses em comum que orientam as relações sociais de forma constante e, por isso, é no conceito de sociação que Simmel desenvolve suas análises mais profundas dentro da sociedade, pois para o autor ela constitui as relações evanescentes tão presentes na modernidade. São estes tipos de análises que serão vistos em seus textos que discutem mais abertamente a cultura de sua época.

Passaremos então a fazer uma análise sobre **Simmel e a modernidade** (2005) para que seja possível entender como o dinheiro consegue mudar o constrangimento existente na época medieval. A monetarização da relação

senhor-servo, neste contexto, implica não só a despersonalização da relação de dominação em si, mas também a possibilidade de libertação da personalidade do servo dentro desta relação de obrigação: “Nessa função, o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta proporcionalmente a autonomia e a independência da pessoa” (SIMMEL, 2005, p. 24).

Mas a liberdade não pode ser pensada como algo absoluto. Não é a ausência de constrangimentos, mas sim uma permuta de contingências, porque outras obrigações assumem seu lugar (SOUZA, 2005). O dinheiro permite uma margem importante de liberdade pessoal na medida em que separa o desempenho da personalidade, que permanece inalienável. A divisão do trabalho deu uma maior oportunidade de autodeterminação e desenvolvimento, na medida em que tornou a teia de dependências sociais mais rarefeitas e múltiplas.

A economia monetária age como catalisadora de uma liberdade individual possível, “uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade”

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

(SIMMEL, 2005, p. 29). Ela desempenha um papel central tanto na constituição da liberdade quanto na tragédia moderna, ou seja, a separação entre as culturas subjetiva e objetiva.

A partir do momento em que ocorre uma “substituição do desempenho pessoal pelo pagamento em dinheiro” (SIMMEL, 2005, p. 29) na divisão do trabalho, as produções culturais, embora produzidas por seres humanos para servi-los, assumem, a partir da sua objetivação, uma lógica independente da sua intenção original. As forças produtivas não remetem mais aos seus produtores, e surge uma incomensurabilidade da realização com seu realizador. Temos um estudo da arte que mostra o seu inverso, assim como visto em “A moldura, um ensaio estético” (2005), no qual estilo da moldura de um quadro detém a descarga da personalidade numa generalidade extensa.

É como acontece, em sua parte filosófica, na sua visão que faz uma analogia com “A asa do vaso” (2005). O vaso é a essência da subjetividade (assim como o espírito do homem), e a asa do vaso é sua parte prática, que possibilita passar seu conteúdo a outros (como a mão do homem que da parte prática, passa a sua subjetividade ao

objeto). Nessa divisão do trabalho, ocorre algo como um descolamento dessa asa, que não mais possibilita a transmissão de conteúdo ao objeto produzido por estas pessoas. No consumidor também desaparece a parte subjetiva, já que o objeto não foi feito especialmente para ele, sendo medido seu valor pelo seu custo monetário.

Em Simmel é possível perceber que no tocante à arte e todas as outras formas de expressão simbólica, que possuem suas formas específicas, dependemos de um sentimento que dá ao seu apreciador a capacidade de unir os fragmentos superficiais de sua representação. A unidade destes elementos possui uma conexão com a completude e a profundidade da realidade, por que: “Embora geralmente não possam ser formuladas, ela, no entanto, é essa conexão que faz dos fragmentos incorporações e representações da vida imediatamente real e fundamental⁴” (1964, p. 56, tradução nossa), um jogo simbólico que seu charme estético pode corporificar as dinâmicas mais sutis da representação da existência social.

É exatamente a atitude das pessoas dentro deste movimento de apropriação da arte e das outras formas de expressão subjetivas, que mostra a íntima conexão com as necessidades

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

cada vez mais sobrepujantes da vida em sociedade. Aos homens, que Simmel considerou como possuidores de personalidades sérias, as características da socialização e da arte agem como um catalisador das pressões do cotidiano, uma sensação de liberação e alívio do mundo concreto. Se esta busca representa exclusivamente uma atitude de fuga, de suspensão momentânea da realidade, é o que representa seu lado negativo desta mesma relação e não o uso destas formas subjetivas de ação como compreensão interior de sua própria realidade.

A tragédia da cultura moderna é, para Simmel, a separação entre as esferas objetiva e subjetiva: “É essa cisão que dá conteúdo ao conceito de tragédia da cultura moderna” (SOUZA, 2005, p. 09). Como a economia monetária troca as relações pessoais por relações monetárias impessoais (objetivas) ela é, ao mesmo tempo, o fundamento da liberdade individual e a causa desta tragédia. O dinheiro separou estas duas esferas, entremeou-se entre elas, e contribuiu para a possibilidade de desenvolvimento de ambas, para onde cada qual segue uma lógica imanente.

Nisto, houve a possibilidade do desenvolvimento máximo de cada uma

delas, abrindo espaço para o autodesenvolvimento pessoal, por um lado, e permitindo um aumento crescente da cultura objetiva, por outro, tanto na produção de mercadorias, quanto de novas formas de vida. Além da semelhança neste ponto com Marx, isto pode ser levado mais adiante, quando Simmel demonstrou total consciência da necessidade objetiva da apropriação humana dos objetos:

Na medida em que esta valoração do espírito subjetivo e do objetivo contrapõe um ao outro, a cultura conduz sua unidade por meio de ambos, posto que ela significa aquele modo de perfeição individual, que só se consuma pela recepção ou utilização de uma formação suprapessoal exterior ao sujeito. O valor específico da cultivação é inacessível ao sujeito, se este não o alcança por meio de realidades espirituais objetivas, as quais constituem valores culturais apenas na medida em que, por seu intermédio, conduzem a alma por aquele caminho que vai de si mesma para si mesma, do que se pode chamar de sua condição natural para sua condição cultural. (SIMMEL, 2005, p. 88-89)

Como já dito, o poder libertário da economia reside no fato de uma personalidade jamais estar em jogo nas transações monetárias, o que possibilita o desenvolvimento individual. O elemento alienante do dinheiro é que, “com o afastamento e o distanciamento de tudo o que é pessoal, desaparece

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

também a possibilidade de expressão de qualquer qualidade específica não-econômica” (SOUZA, 2005, p. 12). Por isso, é o “[...] aparentemente desenvolvimento contraditório da personalidade individual acompanhado por um aumento da liberdade de movimento interno e externo e, por outro lado, a enorme expansão dos conteúdos objetivos da vida liberados de qualquer nuance individual⁵” (FRISBY, 2000, p. 18, tradução nossa) que mostram como existe a diferenciação e uma contradição na liberação das esferas objetiva e subjetiva e seu desenvolvimento desigual.

O papel universalizador do dinheiro, como equivalente geral, é de uma uniformização unilateralmente dirigida “para baixo”, ou seja, com qualidades sendo transformadas em quantidades. O lado trágico é que, na realidade, apenas a cultura objetiva se torna crescentemente cultivada e rica, seja em relação à técnica, ciência ou arte, enquanto os indivíduos se tornam, paradoxalmente, cada vez mais pobres e pouco cultivados.

O saber objetivado transforma-se em um receptáculo fechado cujo significado não se compreende através de seus conteúdos. É por isto que:

Os problemas mais profundos da vida moderna afluem da tentativa do indivíduo em manter a independência e a individualidade de sua existência contra os poderes soberanos da sociedade, contra o peso da sua herança histórica e a cultura externa e a tecnificação da vida.⁶ (SIMMEL, 2000, p. 174-175, tradução nossa)

O desenvolvimento da cultura objetiva é proporcionado, então, pela conjunção da economia monetária e da divisão do trabalho. O desenvolvimento de qualquer um dos dois implica crescimento e mais necessidade no outro. Abre-se um espaço entre as coisas e as pessoas e, assim, a noção de instrumento ganha uma importância fundamental, ocupando todos os espaços entre os sujeitos e os objetos. O dinheiro torna-se indispensável para esta “cultura mediana” que transforma o homem, pois é seu meio de troca.

Cria-se a confusão entre meio e fim, com a função do dinheiro a substituir mais e mais coisas. Elas são cada vez mais variadas, dando uma objetividade pura às atividades da sociação através de seu caráter instrumental, e essa inversão tende, com o desenvolvimento da cultura e com a tecnificação da vida, a aumentar: “[...] o criador não pensa no valor cultural, mas apenas na significação objetiva da obra – significação objetiva que é circunscrita pela idéia da obra [...]”

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

(SIMMEL, 2005, p. 106). O meio absoluto do dinheiro tende a tornar-se o fim absoluto, o modelo e grande regulador da vida prática que dá uma relação indireta entre os seres humanos:

Parece significativo o fato de que a produção de instrumentos, o estabelecimento de um intermediário entre *desejo* e *fruição*, esteja na base de uma mudança que instaura o processo de humanização do ser humano: a passagem de uma relação direta entre o “animal humano” e a natureza para uma relação indireta: ser humano-meios-fins. (FERREIRA, 2000, p. 107)

A ideia de Deus para Simmel é de que as contradições e multiplicidades do mundo ganhariam unidade por referência à divindade onipotente e absoluta: “Geld ist auf erden der irdisch got” (“O dinheiro é, aqui embaixo, o deus terrestre”). O dinheiro apresenta uma extraordinária afinidade psicológica com essa ideia, porquanto produz a expressão e a equivalência de todos os valores, unindo os contrários e estranhos: “Como Deus, o dinheiro é a ‘*coincidentia oppositorum*’, o centro onde as coisas mais opostas, mais estranhas, mais distantes encontram seu ponto em comum e entram em contato.” (VANDERBERGHE, 2005, p. 142).

É precisamente a busca por dinheiro que produz o ritmo nervoso e o estresse da vida moderna (SOUZA,

2005). Assim há a cultura do estímulo, que busca a satisfação no agora, com um estágio anterior à produção valorativa propriamente dita (SOUZA, 2005). Algo como “A aventura” (2005), que busca separar a ininterrupção da vida para dar um prazer momentâneo com um sentido próprio, “que extrapola o contexto da vida” (SIMMEL, 2005, p. 169).

Um exemplo da força do dinheiro é que ele retira a personalidade da relação, que consegue unir ideais contrastantes em busca do lucro ou de vantagens na sociação, ou seja, ele não perde sua especificidade quanto a uma sociação de interesses únicos. O pagamento em dinheiro promove a divisão do trabalho, pois, normalmente, só se paga em dinheiro para um desempenho especializado. Isso gera um forte individualismo porque traz uma forma específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro.

A sociedade moderna possui como consequência duas figuras: o cínico e o *blasé*. O que une essas duas figuras é que tudo pode ser comparável ou medido segundo critérios monetários. Se para o cínico isso é motivo de prazer, para o *blasé* significa

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

a ausência da possibilidade de conferir qualquer estímulo à vida. O dinheiro não compra a vida ou as relações elevadas, então nivela os objetos:

O terrível e trágico aspecto de tal dominação pelo superficial e pelo comum e que não apenas subjuga aqueles de uma má ou básica disposição, ao qual o cederiam a isso em qualquer caso, mas também as melhores e mais nobres. Quanto mais profundamente as últimas são afetadas pela seriedade da realidade, mais violentamente elas são chacoalhadas pela força do dia-a-dia, mais facilmente ainda elas deslizam para as profundidades, “aonde as pessoas apenas querem se divertir” [...]7 (SIMMEL, 2000, p. 261, tradução nossa)

Ainda neste aspecto, vemos como é possível a “Berlin trade exhibition” (2000) onde os produtos industriais completamente diferentes, em suas significações e utilidades, são colocados juntos. A proximidade entre eles paralisa os sentidos, hipnotizando o espectador que tem ali o único propósito de se divertir, e qualquer sentimento sensível se vê degradado pelo efeito em massa das mercadorias oferecidas. O que acontece a quem consome é que “se vê defronte a produtos que não se adaptam mais a eles, mas sim ele aos produtos” (WAIZBORT, 2000, p. 185).

Tudo isto se coaduna com uma análise empreendida em “The Social and the individual level” (1964).

Quando se dá a aproximação entre os diferentes estratos sociais, Simmel defende que ela se inicia pelos contingentes mais baixos destes estratos, pois o que pode ser comum a todos só pode se basear na propriedade de quem possui menos, seja material ou espiritualmente, “pois com o intuito de elevar igualmente a todos, ele deve nivelar a todos; e isso só pode ser alcançado pelo rebaixamento do maior para o nível do menor⁸” (1964, p. 37, tradução nossa).

A característica do comportamento em coletividade não é dada pelo equilíbrio entre os estratos mais altos e mais baixos. Simmel considera que ela se “equilibra” quando se aproxima dos limites mais baixos de seus participantes, pois seus comportamentos tendem a este movimento de nivelamento por baixo. Ela só realmente não desce completamente aos níveis realmente mais baixos porque os elementos mais altos da sociedade ainda persistem, o que causa uma resistência contra essa queda. É essa a característica do comportamento das massas, visualizada pelo autor na “Berlin trade exhibition” (2000), que dá a ele a possibilidade de perceber e desenvolver as figuras como as do cínico e do blasé.

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

Mas ainda nessas condições, existe também a possibilidade de distinção:

Apenas o singular e o específico podem estabelecer qualidades num mundo de quantificações. As figuras do artista e do pensador tornam-se, assim, repositários da reação contra o espírito moderno do cálculo e da redução de toda qualidade em quantidade. A personalidade “distinta”, [...] é transformada no pólo invertido da economia monetária e suas personalidades típicas. Nela o essencial é a sensibilidade ao único, ao singular e ao incomparável. (SOUZA, 2005, p. 16)

Assim, existe sempre a possibilidade de ser puxado para o mundo das quantificações, e a distinção seria uma luta sem tréguas do poder das quantificações, de algo nietzschiano.

A distinção seria, assim, a única saída contra as patologias do cotidiano instauradas pelo império do dinheiro, pois “é preciso envolver-se concretamente e dar um sentido à vida. Na medida em que o homem moderno, liberado das suas relações de dependência pessoal, não é capaz de dar um sentido ou um conteúdo a essa liberdade, esta permanece puramente negativa” (VANDERBEGHE, 2005, p. 154).

Para Simmel é possível até mesmo perceber e distinguir os indivíduos nesse embate sem

precedentes. Quando o homem perde a capacidade de lutar contra o movimento que rebaixa o espírito, os indivíduos, sejam eles nobres ou intelectuais, se mantêm, então, ariscos à vida pública e suas respectivas responsabilidades. Isto mostra que estas personalidades têm uma falta de confiança ou fraqueza diante dos elementos mais refinados e importantes de sua sociedade, pois elas não se sentem preparadas para lutar contra o rebaixamento do nível social (SIMMEL, 1964, p. 37-39).

É por defender esta tese da responsabilidade individual na luta contra a quantificação da vida e a sua posição a favor da liberdade as responsáveis pela sua argumentação contrária ao socialismo, pois, para Simmel, a liberdade e a igualdade são ideais antagônicos. É por isso que, para ele, o socialismo só representa uma das classes e a equalização partindo das classes mais pobres limitam a ação empreendedora, artística, estudantil, etc: “[...] no movimento socialista, a síntese da liberdade e da igualdade foi modificada pela ênfase sobre a igualdade. E somente porque a classe, cujos interesses são representados pelo socialismo, pode sentir a igualdade como liberdade [...]” (SIMMEL, 1964, p. 75, tradução nossa). Este discurso

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

sobre a incompatibilidade entre a liberdade e a igualdade, que consideramos pouco desenvolvido, aponta para uma séria confusão ao transformar o conceito de liberdade em uma liberdade de mercado, onde a ação empreendedora é uma necessidade central e correlacionada à genialidade do artista e também à genialidade científica.

Se for possível realizar esse nivelamento requerido pelo socialismo, as consequências posteriores demonstram o real problema a ser enfrentado. Como os indivíduos são essencialmente diferentes em suas características pessoais derivadas de suas experiências, a ordenação requerida em qualquer tipo de ordem social mostra a necessidade da escolha das pessoas qualificadas para gerir a hierarquia que orienta a sociedade. O problema está, para Simmel, no excesso da quantidade das pessoas que tem qualificação para atuar as posições superiores dentro deste quadro. O grupo como um todo necessita de um líder e esta incomensurabilidade entre as posições superiores e inferiores causa uma impossibilidade de preenchimento justo das posições de liderança. Esta seleção então não é mais orientada pelas

qualidades específicas de cada um, ao invés disso, as moldam.

Portanto, Simmel conclui que se é a liberdade que molda as orientações do socialismo, na medida em que é considerada como a possibilidade de desenvolvimento e medida da força individual na configuração da subordinação e da liderança na sociedade ou dentro de comunidades, a liberdade é excluída desde seu início.

Seguindo nossa análise, Simmel percebe que a vida nas grandes cidades reproduz a ambiguidade da vida sob o signo do dinheiro. Cria tanto a possibilidade da individualidade como os obstáculos para que ela se realize. Em sua análise da patologia do cotidiano, ele procura vincular as necessidades humanas elementares a certas formas de interação social, de modo a explicar a vida na sociedade moderna:

A cidade grande, como ponto de concentração do dinheiro, é também o ponto de maior implemento da divisão do trabalho, da especialização, da criação de novas necessidades e refinamentos, da luta dos homens entre si pela sobrevivência. A cidade, grande e moderna, é o campo de batalha, de prova e de experimentos da moderna individualidade. (WAIZBOURT, 2000, p. 326)

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

Foi deste modo que ele analisou a moda (“Fashion”, 2000). Existe a tendência ao geral e ao igual, significando dedicação ao todo social e a tendência ao específico, implicando uma tentativa de fundar uma individualidade apartada do todo social. Na imitação, o grupo carrega o indivíduo e distingue classes umas das outras, aproximando tais pessoas daquela classe definida. Assim, a economia monetária é o pano de fundo de todas as experiências da modernidade. Vemos que a vida nervosa é seguida pela moda: “As mudanças na moda refletem o embotamento dos impulsos nervosos: quanto mais a época é nervosa, mais rápidas são as mudanças de sua moda, simplesmente porque o desejo pela diferenciação é um dos mais importantes elementos de todas as modas [...]”¹⁰ (SIMMEL, 2000, p. 547).

É por isso que, na sociedade, os indivíduos que querem ascender socialmente têm a moda como sua maior demonstração das assimilações entre as classes mais altas. A burguesia, parte mais variável dos estamentos sociais, fez com que a moda se alastrasse e, assim, a camada mais baixa procura imitá-la. Dessa forma, a moda é passageira porque, no momento em que

se consegue copiá-la nas camadas mais baixas da sociedade, o estamento mais rico a reinventa para se diferenciar daqueles que o imitaram.

A necessidade de fuga da objetivação é definida pelos interesses de cada um em se diferenciar de seus semelhantes. O sentido interno de cada pessoa é orientado pela busca do acento das características que ela considera como sendo única, pois “Tão logo o eu no sentimento da igualdade e universalidade sentiu-se forte o bastante, passou a procurar a desigualdade, mas apenas aquela que surgia como uma lei interna” (2005, p. 114).

O processo de diferenciação entre os indivíduos na busca do sentido da vida, aliado à responsabilidade do crescimento subjetivo da pessoa, fazem com que estes fatos sejam dados como possibilidades efetivas do desenvolvimento interior de cada um. É por isso que o diagnóstico de Simmel continua sendo trágico, mas diferencia-se por apresentar a esperança como guiadora de seus escritos sobre a sociedade:

Talvez exista, para além da sua combinação na forma econômica – a única realizada até agora –, ainda uma forma superior que constitua o ideal velado de nossa cultura. Prefiro

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

acreditar, no entanto, que a idéia da mera personalidade livre e da mera personalidade singular, não sejam ainda as últimas palavras do individualismo. Ao contrário, a esperança é que o imprevisível trabalho da humanidade produza sempre mais, e sempre mais variadas formas de afirmação da personalidade e do valor da existência. E quando em períodos felizes essas variedades consigam chegar a formar conjunções harmônicas, suas contradições e lutas não sejam vistas apenas como obstáculo, mas sim como potenciais para o desenvolvimento de novas forças e criações. (SIMMEL, 2005, p. 117)

Essa seleção de textos serviu para salientar que Simmel considera que existe uma natureza contraditória essencial do ser humano que foi radicalizada na modernidade (SOUZA, 2005). A continuidade e as transformações da vida social dependem do relacionamento, mais ou menos contraditório e conflituoso, entre esses mundos e códigos a eles associados. Exemplos para descobrir o eterno e o estrutural no passageiro e momentâneo, adequado à compreensão da realidade fragmentária de nossos dias. Mas, como vimos, Simmel ainda possui a esperança de que o desenvolvimento subjetivo consiga inverter esta relação original. Ele não pode ser considerado possuidor de uma análise essencialmente esperançosa, pois todos seus textos mostram a riqueza das relações que poderiam existir na modernidade, mas

que não são efetivamente realizadas. Por isso, consideramos que o espectro geral de sua obra considera, ao contrário de Marx, que a responsabilidade pela desefetivação da estrutura social que objetiva relações subjetivas é de responsabilidade individual, ao invés de ser social.

2. KAFKA E A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE.

Para a construção desta parte do trabalho, é de extrema importância a percepção crítica de uma sociedade, na qual existe uma construção ideológica da suposta relação de “igualdade jurídica e social”. Onde grandes autores falaram desta relação, existiu sempre uma perspectiva certamente contraditória sobre as instituições tomadas como um constructo puramente racionalista, que mediarão as relações de interesse, antagônicos ou não, dos homens.

Já em Kafka, veremos que: “[...] o homem, realmente, não governa o seu destino; enquanto ser isolado em seu mundo, pode reger-se pelas suas normas de conduta, porém vivendo em sociedade, [...] é conduzido pelas forças do espírito e da matéria e se torna

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA:
INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

jogete nesta formidável luta”
(GUIMARÃES, 2007c, p. 34).

Esta consideração é importante porque diante de uma leitura da modernidade existem ideais que não se verificam na realidade. No caso de Franz Kafka, o que acontece é uma proposta extrema, e por isso se trata de um romance. O essencial a se retirar de um autor como esse são suas críticas subjacentes:

Enquanto os homens enfrentarem as mazelas do dia-a-dia urbano, do mundo organizado do qual nunca mais se espera que eles saiam, Kafka estará presente como um outdoor afixado permanentemente numa das vias principais, próximo do olhar de toda a multidão anônima que por ali circula. (MANDELBAUM, 2007, p. 315)

Ao tratar romances tão densos de maneira categórica, diminui-se o trabalho deste autor e se deixa passar uma grande contribuição para a crítica à sociedade, como vemos similarmente em outras obras clássicas como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, *A divina comédia*, de Dante Alighieri, e tantos outros autores clássicos que construíram romances com grandes críticas subjacentes. Nestes casos, as críticas realizadas à sociedade medieval-romântica e à religião/teologia e sua racionalização, respectivamente.

No caso de Kafka, duas de suas obras se concentram sobre a racionalização do direito e do estamento da burocracia de uma forma extremada exatamente para uma crítica mais pujante dos efeitos negativos da sociedade moderna: “Acolhi vigorosamente o que há de negativo no meu tempo – ao qual, aliás, estou muito ligado e que tenho direito, não de combater, mas, até certo ponto de representar” (KAFKA *apud* ANDERS, 1969, p. 11, grifos nossos). É por isso que também utilizaremos textos, cartas, diários, conversas e contos do autor, que às vezes são negligenciados, para conseguirmos mostrar o quão perceptiva pode ser a modernidade dentro de seus escritos.

É necessário deixar claro aqui que se trata de uma realidade prussiana em que o autor passou sua vida, onde a própria direção de seus estudos acadêmicos o levou a enfrentar diariamente toda a burocracia de sua época. E, provavelmente, é por este motivo que conseguiremos aproximar os romances kafkianos à realidade semelhante, a qual foi enfrentada e combatida pelos sociólogos selecionados.

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

[...] a descrição do funcionamento opaco e absurdo das instâncias burocráticas em O processo deve muito a essa experiência cotidiana – considerada, é verdade, não do ponto de vista da alta hierarquia institucional, mas do dos humildes trabalhadores aos quais se dirigia a simpatia de Kafka, vítimas de acidentes profissionais, perdidos nesse labirinto administrativo. (LÖWY, 2005, p. 111)

Na verdade, se ele teve o intuito de representar a vida sobre a sociedade de sua época, não basta apenas reduzi-lo à condição de um mero convivente e representante da burocracia: “Cada ‘chave’ traz consigo uma verdade parcial; o mal delas é que, na medida em que se apresentam como ‘chaves’, exageram a verdade parcial em que se baseiam e tende a reduzir os múltiplos e variados problemas da obra de Kafka a problemas de um único tipo” (KONDER, 1974, p. 186).

É necessário dar a este autor um foco mais amplo, não da maneira de Michael Löwy (2005) que, mesmo percebendo em Adorno uma leitura kafkiana sobre a crítica à sociedade, muitas vezes ainda se retém a analisar o espectro burocrático, e não da sociedade burguesa e sua relação com o indivíduo pertencente a ela. Assim, cremos que seja possível compreender o conjunto de sua obra como uma representação imagética de um mundo discutido

amplamente pelos teóricos clássicos abordados.

Não basta apenas afirmar que ele dirigiu sua representação para, e apenas para, este problema real e muito significativo de sua época. Parece-nos que ele não se importou apenas com a burocracia, mas com a vida tomada como um todo, e é este ponto que queremos afirmar: Kafka não representou apenas a burocracia de sua época, mas também escreveu sobre a dinâmica da vida moderna: “Sim, é certo. Não sou um esquimó, mas vivo, como a maioria das pessoas de hoje, em um mundo glacial”. (KAFKA, 1983, p. 43)

Uma leitura aprofundada mostra que o ambiente de suas obras é sempre soturno porque as mudanças modernas acontecidas durante sua vida foram extremamente influenciadoras em suas obras. Compreender Kafka sobre apenas uma ótica limita a capacidade da representação de seus trabalhos, no aspecto em que propomos. Se for injusto afirmar que essa profusão de trabalhos sobre sua obra é míope, podemos ao menos dizer que o foco de discussão esteve muitas vezes limitado. Adicionando à nossa proposta, Konder também já anunciava esta possibilidade de interpretação: “As histórias de Kafka

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

não são senão visões agudíssimas de alguns dos problemas cruciais do mundo moderno. A ficção só ‘exagera’ a verdade para que a verdade seja compreendida em toda a sua profundidade” (1974, p. 200, grifos nossos). Isso mostra que o espectro burocrático pode ser realmente ampliado.

Exatamente por este motivo que não selecionaremos aqui algum autor interpretativo das obras kafkianas com o qual poderíamos discutir diretamente, o que não inviabiliza, é claro, a utilização destes para dar mais ênfase à nossa proposta. Utilizaremos em grande parte interpretações diretas de seus romances, cartas e diários e conversas para realizarmos a leitura no qual propomos.

3. KAFKA EM SIMMEL E SIMMEL EM KAFKA

A partir deste momento, consideraremos os romances kafkianos diante da lógica moderna discutida através dos clássicos. Consideraremos também que essas semelhanças poderiam ter sido objetos de discussão da esfera literária daquela época. Queremos, com isso, realizar uma interpretação destes romances, contos, conversas, cartas e diários para

promover uma leitura que abarque estes aspectos discutidos na modernidade clássica.

Uma construção teórica baseada nesta leitura moderna da racionalização, da alienação na modernidade e a tragédia da cultura objetiva, trazem as mesmas complicações à sociedade na interpretação deste autor. Elas surgem especificamente quando se percebe a extrema impessoalidade e o isolamento do indivíduo, nas relações mediadas pelo Estado e pelo Direito, e esta mesma sociedade como uma proposta ideal, que não se subjeta a interesses específicos, sejam de classe ou pessoais. É por isto que vemos em Kafka “Ambos sonhos de liberdade absoluta e o conhecimento de uma terrível servidão”¹¹ (LÖWY, 2004, p. 49).

É nesta consideração que Kafka mostrou, em seus escritos, como os diferentes estratos de uma sociedade são subjugados a uma ótica especificamente impessoal. A idealização da liberdade ante a lógica racional sofre, na verdade, uma inversão que legitima uma absoluta e terrível servidão.

Deste modo, os atores guiam seus passos diante desta dominação e moldaram suas vidas diante dos ideais de outros, que não condiziam com os seus. Estes outros foram caracterizados

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

pelos personagens políticos, tomando a lógica racional, burocrática e impessoal como o ideal de uma sociedade.

Similarmente em Simmel, veremos que existe o embotamento de emoções tão absurdo no qual a vida de uma pessoa perdeu toda a sua especificidade e tornou-se apenas mais um número dentro da operação circular da burocracia.

Os escritos de Kafka, em geral, possuem um lado irônico diante da tragédia humana na sociedade moderna. A lógica impessoal, em vários de seus escritos, foi feita com uma frieza e cadenciamento exatos, que deram aos casos extremos do sofrimento do homem uma resposta crítica muito aguda, quando colocados em primeiro plano.

Os comportamentos completamente irracionais dos personagens kafkianos têm a pretensão de validade racional ante a lógica absurda com que eles foram criados. As situações ficam cada vez mais obscuras, mais pesadas, dotadas de um senso de humor negro, nas quais o romancista tenta levar todas estas loucuras de modo não tão sério, ao revelar todas as incongruências dos personagens.

Mas o fato que tem maior importância em seu estilo de descrever

as relações e as instituições modernas é uma sensação de eterna angústia. As situações cômicas tentam, na verdade, colocar este sentimento em outra perspectiva, diluindo a consternação diante do mundo moderno. Ele usa esta técnica para mostrar que seus “heróis”, que são inconformistas, possuem a capacidade de renovar as esperanças ao se mobilizarem contra tudo o que percebem que está incorreto.

Por isso, consideramos que as interpretações exclusivamente pessimistas podem ser revistas, quando achamos em Kafka figuras essenciais, que embatem o conservadorismo da sociedade moderna, dominando e subjugando o homem ao evitar a iniciativa e a busca por uma solução. Seus romances constituem um início das denúncias das patologias modernas, mas não ficam apenas neste caminho. Ele conclama a seus leitores a necessidade de não se resignar com tudo o que pode nos afligir.

Todas as suas obras não possuem uma sistematização, pois esta não é a intenção do autor. Tudo o que podemos encontrar em Kafka, e por isso ele possui variadas interpretações, necessita passar por um processo de filtragem, pois suas relações com seu pai, sua situação de judeu pária, entre

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

outras, podem ser encontradas no geral de seus romances. A nossa busca passa a encontrar o que existe de congruência com o mundo moderno e as análises sociológicas empreendidas pelos clássicos alemães.

Portanto, utilizaremos os romances e outros escritos de Kafka para aproximá-los com as considerações de Simmel sobre a problematização do indivíduo e da sociedade. É interessante começarmos com **Um Artista da Fome** (2007d), porque, neste pequeno texto, ele descreve um jejuador e sua relação com os tempos modernos: “Nos últimos decênios, o interesse pelos jejuadores diminuiu muitíssimo” (KAFKA, 2007d, p. 69). Antigamente, o interesse pelo suplício dos outros homens a ponto de este ser o principal motivo de um espetáculo deste tipo. Na sociedade moderna, é totalmente impossível.

O desinteresse *blasé* da sociedade moderna fez com que as preocupações, um tanto filosóficas quanto ao caráter e os motivos pessoais do jejuador de antigamente fossem totalmente abandonadas. Nos períodos idos, “em uma situação de aparente esplendor” (KAFKA, 2007d, p. 73), todos se interessavam por sua causa, mas “a famosa mudança sobreviera quase de repente” (2007d, p. 74). Diante

de tanto descaso, ele continua sem comer até a morte e simplesmente é sobreposto a uma fera, na qual, esta sim, pelo seu medo impactante atrai os espectadores. São “figuras oriundas de um mundo arcaico que força a passagem para o presente” (FERRARI, 2007, p. 158). A troca do *blasé* pela aventura passageira de Simmel nos mostra em Kafka as mudanças da modernidade também em seus aspectos fugidios e mais cotidianos.

Em **O Processo**, a vida moderna possui essa especificidade do desinteresse pelos valor dos outros. Se o *blasé* é aquele que não se interessa mais pelo ser humano, a última esperança de Joseph K. se mostrou totalmente infundada, pois por mais que ele ainda obtinha esperanças de ajuda de algum amigo, alguém que se interessasse por ele, de alguém que possuía a intenção de lhe ajudar, ela se dissipa logo que ele estende os braços àquela pessoa, e seus carrascos o matam. Suas últimas palavras são: “como um cachorro!” (2007c, p. 252).

Em **Sonhos** (2008), uma reunião de cartas, diários e fragmentos de seus cadernos, poderemos visualizar aquele indivíduo que conhece o poder objetivador da realidade e que busca, não obstante o seu trabalho como

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

burocrata, fugir deste aparelho que reifica a lógica racional e a inverte. Kafka via a literatura como a sua “fuga” do mundo real e o único meio de satisfação como humano: “Visto da perspectiva da literatura, meu destino é muito simples. O impulso de representar minha vida onírica deslocou todo o resto para um plano secundário, que definiu assustadoramente e não pára de definhar. Nada mais poderá me satisfazer, nunca” (KAFKA, 2008, p. 86).

Se buscamos a crítica simmeliana sobre a questão de “apenas divertir-se”, vemos que Kafka possui esta capacidade de liberar a esfera subjetiva de sua vida ao ir a teatros, danças, balés, os quais povoam seus sonhos. É essa convivência com as artes e outras expressões simbólicas do homem, que Simmel define como objeto de valorização da capacidade humana subjetiva e está presente no romancista: “A tensão que existe entre o mundo subjetivo do eu e o mundo exterior objetivo, entre o homem e o tempo, eis o problema principal de toda arte” (KAFKA, 1983, p. 226).

Por isso, a necessidade de cálculo, a precisão das máquinas o consomem, ao ver que ela domina cada vez mais seu mundo cotidiano:

O pesadelo de um mundo totalmente administrado, o avanço incontido da mecanização e da destruição das relações humanas não é um mero produto de sua fantasia, senão mais um reflexo de uma sociedade e de sua época. Kafka é um escritor muito mais realista do que frequentemente se concede¹². (GARCÍA, 1989, p 72)

Ainda que as descrições de seus sonhos sejam entremeadas de incongruências, podemos ver que ele convive intimamente com a esfera subjetiva, utilizando desde as suas leituras aos teatros, pinturas e a própria análise das construções de sua cidade natal (1983) para compreensão de seu mundo. É notável a percepção do moderno em Kafka: “Sonho há pouco: com meu pai andando de bonde em Berlim. A atmosfera metropolitana era dada por inúmeras cancelas distribuídas a intervalos regulares [...] De resto tudo era vazio, mas a quantidade destas cancelas era enorme” (KAFKA, 2008, p. 48).

Isto se repete em outro sonho, neste mesmo livro, descrito em uma carta a Max Brod. Kafka escreve que estava em Paris, alojado em um prédio formado por automóveis, fiacres, ônibus e que tudo estava num movimento muito rápido e constante. Todos estes objetos amontoavam-se em cima uns dos outros e que ele não tinha nenhum

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

momento de descanso, devido à agitação ao seu redor.

Se pegarmos outro exemplo da arte em Kafka, ele a concebe como um meio de transcender a normalidade. Ele considera que a arte possa ser um meio de fundição com o objeto de sua criação, que clareia a existência individual da pessoa: “a arte é como a prece, a mão estendida na escuridão, que quer apanhar uma parte de graça para se transmutar na mão que dá” (1983, p. 57). Nada mais parecido com a descrição da transferência da subjetividade nos objetos artísticos, realizado por Simmel.

A necessidade de precisão, a lógica objetiva em tudo o que é racional, mas vazia de conteúdo, é presente. Ele se sente consumido por esta lógica objetiva, a qual não condiz com a sua busca pelo crescimento pessoal: “O caminho que leva da impressão ao conhecimento é quase sempre longo e difícil, e muitas pessoas não passam de mesquinhos viajantes. É preciso perdoar-lhes quando vêm titubeando chocar-se contra nós como uma parede” (KAFKA, 1983, p. 46). Ele não consegue se submeter e há sua busca incessante pela crítica a este modelo, que desconecta o ser humano e na verdade não os melhora. Na verdade,

ele mesmo reconhece que quem possui o refinamento de apreciar os outros homens, a arte, as expressões subjetivas, se torna uma pessoa mais forte quanto às patologias modernas e consegue realmente viver. Quando o homem não possui esta capacidade, semelhantemente a Simmel, ele considera que eles não possuem uma personalidade que realmente consiga aproveitar a vida de modo enriquecido, então, “A maioria dos homens não vive verdadeiramente” (1983, p. 72).

As suas menções a variados escritores como Goethe, familiar a variadas pessoas de língua alemã, inclusive Simmel, nos mostram que estes autores também tiveram a capacidade de atingir, ao menos também a Kafka, um modo de interpretação de seu próprio mundo. Ele via na arte, um meio de denúncia através da representação subjetiva que induz ao pensamento do real, pois, ao discutir as leis ideais de Platão com Janouch, ele observa que: “Os poetas tentam dar ao homem outros olhos, a fim de mudar a realidade. Por isso são elementos realmente subversivos, pois querem a mudança” (KAFKA, 1983, p. 170).

Com a sua percepção sobre a modernidade, que se encaixa muito com

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

a questão da liberdade, poderíamos colocar que: “Não se conseguiria distinguir tão nitidamente os tchecos de 1913 dos de 1920. Os tchecos de hoje têm muito mais possibilidades e por isso poderiam – se se pode dizer isso – ser melhores” (KAFKA, 1983, p. 126). E como sua preocupação é genérica, ele não se limita a analisar os tchecos: “Assim, estão – como aliás a maioria das pessoas em nossa época – verdadeiramente mutilados em sua alma. As pessoas de hoje estão, em sua maioria, doentes – da sensibilidade e do intelecto” (1983, p. 227, grifos nossos).

Parece-nos que este diagnóstico poderia muito bem ter sido escrito pelo próprio Simmel. De maneira semelhante em Kafka, cabe ao indivíduo buscar a saída deste mundo gelado. A racionalidade, a desumanização que aconteceu na modernidade, embota a capacidade humana de dar valor aos objetos produzidos por ele mesmo, pelos outros e, mais importante ainda, dar valor aos próprios homens, pois elas são forças neutralizantes que “vem há anos anestesiando as forças morais dos homens, e conseqüentemente o próprio homem” (1983, p. 61).

Kafka também percebe que houve o abandono de Deus na sociedade moderna, nada mais que a secularização

do mundo. O romancista, na verdade, lamenta este fato pela sua relação íntima com o judaísmo e o sionismo, mas do mesmo modo ele consegue perceber inteligentemente as conseqüências advindas deste processo.

A presunção da ordem no mundo obscurece a total falta de subjetividade nos interesses humanos. Isso está muito presente em Kafka pelo seu próprio trabalho no Instituto de Seguros. Lá ele convive diretamente com as necessidades objetivas das pessoas e, quando ele reconhece em Janouch o interesse genuíno pela literatura, pela arte e também pela história de Praga, Kafka diz que as conversas entre os dois mostram um genuíno interesse pela criação humana. O problema é: ao voltar para seu ofício, ele deve se submeter a tudo que considera desgostoso.

A força criativa da ação subjetiva é, em Kafka, a sua criatividade na literatura. Ele considera que, através dela, consegue realmente expressar tudo o que quer dizer. Além de ter consciência deste fato, ele sabia que o seu caso de insônia, que o atrapalhava enormemente a ponto de se considerar sempre como uma pessoa doente, elevava sua criatividade e, portanto “À noite e de manhã, a consciência de

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

minhas faculdades poéticas é completamente difusa. Sinto-me descontraído até o fundo do meu ser e posso tirar de mim o que quiser” (KAFKA, 2008, p. 28).

Isso mostra que Kafka possuía um apreço enorme ao que ele considerava como a real importância valorativa do homem. Quando analisamos as variadas coisas que nos apresentam em nossa vida, devemos saber escolher o que há de importante. Não podemos nos enganar e lutar por falsos valores, porque senão “[...] nos arruinamos sem prestar atenção às coisas a que está ligada toda a nossa existência humana. Aí está uma confusão que nos atira na lama e nos mata” (1983, p. 88-89). Devemos ter o cuidado de selecionar o que realmente é valor humano.

Por isso, consideramos que a característica da responsabilidade contra este desinteresse a tudo o que merece respeito pelo homem também aparece em Kafka. Como o autor mesmo afirma, ele deve se entregar ao embate a tudo o que considera como negativo no mundo moderno. O homem deve ser capaz de reconhecer o válido não por apenas ser considerado como uma inovação, um progresso. Não é o caso de um retorno ao antigo, mas de saber reconhecer no

antigo e no novo a validade da expressão humana: “Sofremos muito limitando nosso eu. O desejo de demarcar nitidamente do estágio que deve ser ultrapassado acarreta sem cessar excessos de refinamento conceptual e, conseqüentemente, sem cessar novas ilusões” (KAFKA, 1983, p. 68).

4. CONCLUSÃO

Os personagens de Kafka são pessoas alienadas, as quais orientam seu mundo numa perspectiva embotada subjetivamente pelo racionalismo de suas construções: “Evidentemente não se trata do realismo dos grandes mestres do século XIX [...] era preciso criar novos modos de olhar e narrar, e Kafka criou o dele [...] aberto às ocorrências que surgiam em estado de casulo, causou espanto e estranheza quando foi chamado de ‘realista’” (CARONE, 2008, p. 203).

O ponto decisivo no nosso trabalho foi conseguir buscar os elementos que se assemelham nas análises clássicas da modernidade dentro de seus escritos sob o problema da relação entre o indivíduo e a sociedade. O que demonstramos é que os escritos de Kafka possuem certas características tão distintas que surgiram

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

no processo de modernização do mundo, no qual ele próprio cresceu e acabou trabalhando dentro deste mesmo processo. A grande contribuição de Kafka foi nos mostrar uma perspectiva imaginária sobre a concretude, repleta de personagens e coisas, e não o sistema conceitual e abstrato de Simmel sobre este mesmo problema.

Se isto mostra semelhança, é que em Kafka existem “heróis” não mais como nas literaturas antigas, como nas figuras de Ulisses, Ivanhoé, ou mesmo Os Três Mosqueteiros, que nunca se mostram perdidos quando diante de problemas. Kafka nos mostra personagens de uma época posterior, que lutam contra os elementos contraditórios em sua sociedade. Se o personagem não vence esta luta, isto significa que as instituições, a alienação e o espírito objetivo estão espalhados e misturados em todos os que convivem nessa sociedade: “Acordei encerrado num quadrado formado por uma cerca de madeira e que não permitia dar mais do que um passo para cada lado” (KAFKA, 2008, p. 92).

As figuras representadas em Kafka são elementos solitários e as outras subjetividades presentes não se unem a ele nesta luta, criada pelos próprios homens: “Não quero acreditar,

mas as pessoas demonstram que assim é, sem sobra de dúvida, e não param de sorrir” (2008, p. 84). Uma representação da solidão interior das pessoas, que dá aos seus romances o caráter de uma inevitável fatalidade, quando se dispõe sozinho contra a monstruosidade que mundo se transformou.

O ponto a ser destacado é que estes desenvolvimentos internos, de responsabilidade de cada indivíduo na luta, não são insuperáveis. Devemos buscar o valor das obras humanas para conseguir apreciar os outros de forma verdadeiramente real, concentrando-nos nas expressões subjetivas, elevando esta esfera humana para superar a objetividade das relações entre os homens no mundo moderno. Quando buscarmos também o interesse pela comunidade humana, a união destas pessoas pode criar as condições de transposição deste mundo mecanizado e insensível. É em conjunto que poderemos, se não reverter, ao menos refrear as patologias modernas para construir um mundo mais humanizado.

A influência de Kafka se tornou tão presente na nossa sociedade que o termo “kafkiano” aparece em vários dicionários de numerosas línguas. Este representa vários significados, desde atmosferas opressivas, pesadelos de

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA:
INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

mundo, forças impessoais misteriosas e ameaçadoras. Semelhantemente aos termos empregados em “dantescos”, “hamletiano” ou “quixotesco” o termo “kafkiano” dá ao autor uma aura de compreensão sobre a parte negativa de suas obras e desconsideram os casos irônicos, onde estão as situações ridículas que seus “heróis” expõem para sublinhar as incongruências das pessoas e instituições.

De qualquer maneira, isso mostra como o termo entrou para a linguagem comum para designar as situações de opressão e confusão na sociedade moderna, que são experimentadas pelas pessoas comuns. É quando percebemos que seus romances, contos, conversas mostram a ignorância dos homens no saber exclusivamente técnico. A sabedoria humana está, em seus livros, quando o autor descreve a ignorância daqueles que estão sujeitados e foram cooptados por este tipo de sociedade.

Abstract

This paper focuses on the analysis of the relationship between the individual and society in the modern world to broaden the interpretation of the works of Franz Kafka from the bureaucratic to

the modern perspective. To this goal, we used Simmel to understand the consequences of the modern world in the blunting of the emotions of the subjective sphere and individual responsibility against this movement. We continue our research in a possible critical interpretation on novels of Kafka, looking for similarities of analyses between the selected sociologist and the novelist. Finally, we show that Kafka has, in his writings, aware of the transformations of their world and their correlations and consequences for the individual. It is present in his works which, significantly, brought to gain both interpretations of the novelist and sociologist, because the first provided an interpretation "concrete" of theories elaborated by Simmel.

Key-Words: Individual. Society. Kafka. Simmel

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

ANDERS, G. **Kafka: pró e contra** – os autos do Processo. São Paulo: Perspectiva, 1969.

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA:
INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

CARONE, M. O Realismo de Franz Kafka. **Novos Estudos**. n. 80, p. 197 a 203, março/2008.

FERRARI, S. C. M. Kafka, Benjamin: o natural e o sobrenatural. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, V.30, n. 2, p.151-165, 2007.

FERREIRA, J. Da Vida ao Tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. **RBCS**. v.15, n.44, p. 103-117, 2000.

FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. (Ed.). **Simmel on culture**: selected writings. London: Sage, 2000.

FRISBY, D. Introduction to the Texts. In:_____; FEATHERSTONE, M. (Ed.). **Simmel on Culture**: selected writings. London: Sage, p. 01-28, 2000.

GARCÍA, J. M. G. **La máquina burocrática**: afinidades electivas entre Max Weber y Kafka. Madrid: Visor, 1989.

GIDDENS, A. **Política, sociologia e teoria social**: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: UNESP, 1997.

JANOUGH, G. **Conversas com Kafka**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

KAFKA, F. **A metamorfose**. São Paulo: Martin Claret, 2007a.

_____. **América** - el desaparecido Disponível em <
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000261.pdf>
>. Acesso em: 14 de ago de 2008a.

_____. **Carta a meu pai**. São Paulo: Martin Claret, 2007b.

_____. **Na colônia penal**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **O castelo**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

_____. **O processo**. São Paulo: Martin Claret, 2007c.

_____. **Sonhos**. São Paulo: Iluminuras, 2008b.

_____. **Um artista da fome**. São Paulo: Martin Claret, 2007d.

KONDER, L. **Kafka**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

LÖWY, M. Paper chains: bureaucratic despotism and voluntary servitude in Franz Kafka's The Castle. **Diogenes**, n. 204 p. 49-58, London: SAGE, 2004.

_____. **Franz Kafka**: sonhador insubmisso. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

MANDELBAUM, E. Um fio vermelho em Franz Kafka. **Estudos Avançados**. v.21 n.60, p. 315-318, 2007.

RAMMSTEDT, O; DAHME, H. J. A modernidade atemporal dos clássicos da Sociologia: reflexões sobre a construção de teorias em Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies, Max Weber e, especialmente, Georg Simmel. In: SOUZA, J.; ÖELLE, B. (Orgs) (2005). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB. p. 187-218, 2005.

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA:
INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

SIMMEL, G. **The sociology of Georg Simmel**. WOLFF, K. H (Org.) London: The Free Press, 1964.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. A crítica do mundo moderno em Georg Simmel. In: SOUZA, J.; ÖELLE, B. (Orgs) (2005). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 2005, p. 9-20.

SOUZA, J.; ÖELLE, B. (Orgs). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 2005.

VANDERBERGHE, F. **As sociologias de Georg Simmel**. São Paulo: EDUSC; Belém: EDUFPA, 2005.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades modernas. In: SOUZA, J.; ÖELLE, B. (Orgs). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB. 2005. p. 249-267.

WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: 34, 2000.

WEBER, M. Conceitos sociológicos fundamentais. In: _____. **Economia e sociedade**. Vol.1, Brasília: UNB, 1991^a, v. 1, p. 03-35.

_____. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2001. 2 v.

pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail eletrônico: henriqueiroz84@yahoo.com.br

² The individual appears as a composite of single qualities, and destinies, forces and historical derivations, which in comparison to the individual himself have the same character of elementary realities.

³ If we study all kinds of life data in terms of their developments within and by means of social groups, we must assume that they have common elements in their materialization (even though different elements, under different circumstances). These common elements emerges if, and only if, social life itself emerges as the origin or the subject of these data.

⁴ Although it can often not be formulated, it nevertheless is this connection which makes of fragments embodiments and representations of the immediately real and fundamental life.

⁵ [...] seemingly contradictory development of the individual personality accompanied by an increasing inner and external freedom of movement and, on the other hand, the enormous expansion of the objective contents of life liberated from any individual nuance.

⁶ The deepest problems of modern life flow from the attempt of the individual to maintain the independence and individuality of his existence against the sovereign powers of society, against the historical heritage and the external culture and technique of life.

⁷ The terrible and tragic aspects of such domination by the shallow and the common is that it not only takes hold of those of a bad or base disposition, who would give in to it in any case, but also the better and more noble ones. The more profoundly the latter are affected by the seriousness of reality, the more violently they are shaken by the powers of everyday life, the more easily even they slide into the lower depths, where people "just want to amuse themselves" [...]

⁸ For, in order equally to rise above all, he must level all; and this he can achieve, not by raising the lower strata, but only by lowering the higher to the level of the lower.

⁹ [...] in the socialist movement, the synthesis of freedom and equality has been modified by the emphasis upon equality. And only because the class, whose interests are represented by socialism, would feel equality as freedom [...].

¹⁰ Changes in fashion reflect the dulness of nervous impulses: the more nervous the age, the more rapidly its fashion change, simply because the desire for differentiation, one of the most important elements of all fashion.

¹ Professor do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. Doutorando em Ciências Sociais

A MODERNIDADE EM SIMMEL E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA: INDIVÍDUO VERSUS SOCIEDADE E SOCIEDADE VERSUS INDIVÍDUO

¹¹ Both a dream of absolute freedom and the knowledge of terrible servitude.

¹² La pesadilla de un mundo totalmente administrado, el avance incontenible de la mecanización y e la destrucción de las relaciones humanas no es un mero producto de su fantasía sino más bien el reflejo de una sociedad y de una época. Kafka es un escritor mucho más realista de lo que suele conceder.